

PRÓLOGO

Tudo levava a crer que seria uma tarde perfeita. O sol forte de final de janeiro brilhava num céu limpo e sua luminosidade ofuscante se refletia na superfície da Baía da Guanabara.

Fazia calor, mas uma brisa soprava, refrescando a pista de dança improvisada, na beira do cais, onde garotas bonitas e estilosas e rapazes idem, todos com taças de *prosecco* ou garrafinhas de água na mão, se esbaldavam no ritmo do *techno* que saía das caixas de som.

Uma combinação gostosa de maresia e perfumes caros se espalhava pelo ar. Palmeiras plantadas em vasos enormes decoravam o passeio ao ar livre, montado na antiga zona portuária, para a Semana de Moda do Rio de Janeiro, um dos maiores e mais badalados eventos do gênero em toda a América do Sul. Famosos e anônimos circulavam por ali como se também estivessem desfilando. Todos querendo ver e ser vistos. Muitas mulheres com roupas curtíssimas. Alguns homens em grupos com camisas justas e óculos de sol de aros enormes.

Muitas mulheres. Alguns homens. A maioria deles *gay*.

De uma mesa na varanda refrigerada do *lounge* da revista de moda *Dona*, Christianne de Bettencourt suspirou desanimada, enquanto observava o vaivém de pessoas no cais e tomava mais um gole do *piscine* — drinque que consiste em champanhe com pedras de gelo, servido em taças de vinho. Tinha se produzido toda, na vã esperança de conhecer um gatinho naquele evento e agora estava claro que não conseguiria. Absolutamente ninguém tinha olhado para ela por mais de dois segundos desde que chegara. Nem às suas duas melhores amigas, Alessandra Penteado e Isabel Nogueira, sentadas à mesa com ela. Alessandra era filha de Ione Penteado, editora da *Dona*, que dera a elas os convites para o *lounge*.

Não dava para entender por que tamanha indiferença. Tudo bem que elas não eram as maiores beldades do planeta Terra, mas também não eram de se jogar fora. Christianne era uma longilínea e elegante filha de franceses, de pele muito clara e cabelos castanho-escuros escorridos batendo no ombro. Isabel, apesar de retraída e de se vestir com uma discrição um pouquinho além do normal, era dona de vistosos cabelos louros cacheados e um rosto levemente sardento, no qual reluziam dois grandes olhos verdes. Já Alessandra, a mais baixa e gordinha das três e nem um pouco preocupada com isso, era a que mais sucesso fazia entre os rapazes. Tinha cabelos castanho-claros, seios grandes e coxas grossas e era a única no grupo que estava namorando.

A triste e dolorosa verdade era que homens simplesmente não iam a eventos de moda. Os que iam estavam a trabalho ou à procura do mesmo que elas. Aos

dezessete anos, Christianne só agora parecia estar começando a entender isso.

Ela amaldiçoou a própria burrice e, tentando fazer com que sua frustração não ficasse tão evidente, perguntou às duas amigas, apontando para a taça em sua mão:

— Odiei essa ideia de servirem champanhe com gelo. Com esse calor, o gelo derrete muito rápido e a bebida fica aguada — Christianne notou, então, que só Isabel estava ali. Alessandra tinha se levantado.

Isa respondeu:

— Um drinque mais ou menos para uma tarde bem mais ou menos. O que eu queria mesmo era que algum gato viesse falar com a gente. Se não pintar nenhum, podemos dar uma esticada naquele barzinho novo que abriu no Leblon. Nenhuma de nós vai sair de lá sem, pelo menos, ter beijado uns dois.

Chris fez cara de nojo.

— Que maneira de falar, Isa... Fica parecendo que somos um bando de desesperadas.

— Ai, Chris. Vai querer dar uma de santa agora e me enganar dizendo que não se importa de não ter conhecido ninguém em quase uma semana de evento?

Chris fez uma careta contrariada.

— Bem... — ela pigarreou, meio sem graça. — Tem aquela pista de dança lá fora. Dei uma olhada e têm uns caras muito gatos.

— Todos devem ter uns vinte e cinco, trinta anos. Vão achar que somos três pirralhas.

— Eu não estou nem um pouco a fim de me enfiar num barzinho muvuquento hoje.

— Eu também não — Isa torceu os lábios, contrariada. — Mas a última coisa que quero é me sentir uma encalhada. O que aquela lambisgoia da Bu Campello vai dizer quando a gente voltar às aulas, na segunda, e souber que passamos as férias sozinhas?

— Ela não precisa saber.

— Ela VAI saber, Chris! Aquela vaca é capaz de ir até o fim do mundo se for para azucrinar a gente — Isa começou a agitar as mãos, como sempre fazia quando ficava nervosa. — Ai, você já sabe como vai ser. É sempre o mesmo filme: a gente vai estar na cantina, a Bu vai se aproximar anunciando “Tô chegando, hein? Tô chegando!”, vai perguntar como estão os nossos namorados, a gente vai engasgar na resposta, ela vai nos desafiar a aparecer com eles numa festinha qualquer, que ela vai bolar na última hora e, se a gente não for ou aparecer sozinha, ela vai espalhar para a cidade toda que somos um grupo de mal-amadas de quem ninguém está a fim.

— A cidade é muito grande — Chris tomou mais um gole do *piscine*, tentando fazer de conta que não dava a mínima. — Ela talvez espalhe só para o bairro. E eu não vou arrumar um namorado só para dar satisfação para a Bu Campello. Era só o que me faltava.

Elas notaram que Alê estava demorando a voltar e esticaram os olhos para ver a amiga no outro lado do *lounge*, discutindo com o garçom.

— Qual será a confusão que ela está armando agora?

— Isa perguntou.

Alê tinha se levantado para chamar o garçom, que há dez minutos não passava pela mesa delas. Talvez porque achasse que três garotas de 17 anos deveriam estar bebendo refrigerante em vez de champanhe.

Alê voltou à mesa trazendo uma garrafa de Moët & Chandon cheia mergulhada num balde com gelo. Tratou logo de encher as taças das três.

— Acabei de descobrir que estamos sendo atendidas por um garçom mala — ela comentou indignada. — Vocês fazem ideia do que ele me disse olhando na minha cara?

Chris e Isa balançaram a cabeça negativamente.

— Que nós três estamos bêbadas! Pode um negócio desses?

Chris e Isa olharam para trás e, pela primeira vez desde que chegaram ao *lounge* há vinte minutos, se preocuparam em fazer um reconhecimento dele. O homenzinho tinha a cara mais inexpressiva do mundo. Uma cara de *nada*, de *coisa nenhuma*. Era como se seu rosto fosse liso como o de um manequim de vitrine de loja de perucas.

— Será que a gente não está mesmo? — Chris sentia-se mais aérea do que de costume. — Dizem que o bêbado é o único que não percebe que está bêbado.

— Eu não estou te achando bêbada — declarou Isa.

— É porque você também deve estar bêbada — retrucou Chris. — Também me contaram que um bêbado

não sabe reconhecer quando outra pessoa está bêbada. Você e eu devemos estar no mesmo nível alcoólico.

— Querem saber? — Alê suspendeu sua taça — Se eu estiver bêbada, não estou nem aí. Que esse garçom metido pense o que quiser. E olha que ele nem sabe que sou filha da Ione Penteadó. Não curto esse negócio de dar carteirada.

As três tinham assistido aos desfiles de Muriel Barreiros e de Thais Rocha e estavam fazendo hora para o desfile do ídolo *fashion* delas, o super-mega-ultra Porfírio Bravo, o *top designer* paulistano das hiperdescoladas. Não que elas se achassem muito descoladas. Mas a moda de Porfírio Bravo era uma boa maneira de se chegar lá. Ou, ao menos, de disfarçar enquanto não se chegava.

— E a escola, hein, gente? — Isa perguntou de repente. — Animadas para voltar às aulas?

— Você se animaria de ir para uma penitenciária se fosse condenada por um crime? — devolveu Chris, tomando um gole generoso do champanhe. — Tipo ser apanhada bêbada no *lounge* de um evento de moda?

— Eu sou inocente — Alê se apressou em dizer. — Mas o garçom maleta ali parece doido para condenar a gente — ela riu alto, provando que estava devidamente envolvida pelos efeitos do álcool.

As três se viraram novamente para mirar o garçom e deram de cara com dois rapazes, sentados numa mesa pouco adiante, que olhavam para elas fixamente.

Dois rapazes lindos, simpáticos, corpos definidos, cabelos no corte certo. Eram mais velhos. Deviam ter pouco

mais de vinte anos. Estavam bem vestidos. O mais alto, de pele bem clarinha e cabelos ruivos, usava calça listrada, camiseta branca e um par de sapatos pretos que reluziam de tão novos. O amigo, mais forte, de cabelos castanhos e moreno de praia, vestia calça jeans, camiseta azul-bebê e sandálias bem descontraídas nos pés.

Parecia uma miragem.

— Vocês estão vendo o que eu estou vendo? — Isa chegou a estremecer por dentro. O champanhe tinha abolido a sua censura e ela era bem capaz de ir à mesa deles, mesmo sem ser convidada. — E eles estão olhando para nós.

— Fixamente — Alê sentiu um calafrio gostoso. — Se eles vierem sentar com a gente, sou até capaz de esquecer o desfile do Porfírio Bravo.

— Ah, isso não mesmo! — protestou Chris. — Você vai me desculpar, mas o desfile do Porfírio Bravo eu não perco nem que o astro mais gostoso de Hollywood me ligue agora para dizer que está me esperando num jatinho para passarmos uma semana de amor no Taiti. Inclusive porque eu vou saber que é um trote e vou desligar na hora.

Elas repararam que os gatos usavam as pulseirinhas roxas que davam livre acesso a todas as salas *vips* do evento. Eram as pulseirinhas mais cobiçadas pelos frequentadores da Semana de Moda e, infelizmente, as mais raras. Muito pouca gente tinha essa honraria.

E eles tiveram. Sinal de que eram importantes. Bem relacionados. Bem de vida. Além de simpáticos, gostosos, charmosos... E com cara de inteligentes.

— Será que os nossos problemas acabaram? — Alê perguntou, derretendo-se.

Chris encarou-a, indignada:

— “Nossos problemas”? Como assim, “nossos”? Você está namorando, esqueceu? — Chris parou de repente, percebendo tudo. — Ah, já entendi: terminou com o PH. De novo?

Isa começou a rir descontroladamente, enquanto a expressão de Alê se transfigurava numa carranca contrafeita.

— Ainda não.

— Já foram duas vezes só esse ano — Isa disse. — Se continuarem nesse ritmo, vocês dois vão acabar no *Guinness*, como o casal de namorados que mais terminou e voltou na História.

— O Pedro Henrique anda brigando direto comigo. Hoje, então, ele estava insuportável — comentou Alê, com voz de velório, tomando um enorme gole de champanhe. — Se a gente terminar mais uma vez, não sei se vou querer voltar.

— Você sempre diz isso — Chris balançou a cabeça. Já tinha visto aquele filme muitas vezes e, por mais que se esforçasse, não conseguia mais sentir pena da amiga e do seu “namorado-sanfona”. — Qual foi o motivo da briga de hoje? A sua saia estava muito curta, seu celular estava desligado quando ele tentou te ligar umas vinte vezes, ou você foi dormir mais cedo e ele pensou que você tivesse caído na gandaia?

Alê fez um biquinho maroto:

— Dessa vez foi o celular desligado — nem ela se levava mais a sério. — Ele também odiou eu ter vindo para cá.

As três caíram na maior gargalhada. Chris chegou a jogar a cabeça para trás, fazendo seus cabelos escuros, compridos e brilhosos, balançarem num movimento sensual. Foi a deixa — ou aparentemente foi a deixa — para os charmosíssimos da mesa vizinha se aproximarem.

— Oi! — disse o mais alto deles. Chris pensou que seu coração iria parar de tão acelerado que ficou de repente.

— O...O...Oi!

— Tudo bem? — a voz dele era grave e delicada.

Chris ia responder “tudo”, mas sua voz não saiu. Estava paralisada com aquela visão. O cara tinha iniciativa. Isso era... uau! Isso era totalmente ótimo.

— Você é linda!

As três trocaram olhares de admiração. Nunca antes na vida tinham sido abordadas por um cara tão direto, com tanta iniciativa.

E, além de tudo, um gato!

Chris ficou vermelha. E, como tinha de dizer alguma coisa, perguntou, enquanto as pernas se contorciam num misto de timidez e excitação:

— Você acha?

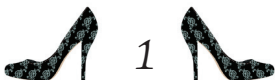
— Claro que eu acho — alguma coisa que parecia um sorriso se insinuou nos cantos da boca do bonitão. — Posso te fazer uma pergunta?

E foi aí que aquele mundo mágico, divino, encantador que ainda se anunciava começou a desmoronar.

— É que eu a-do-rei a sua pele, amiga — a voz dele saiu levemente afetada, o bastante para destruir de vez as expectativas do trio. — Tem um brilho, um frescor... Que maquiagem você usa? Dior? M.A.C.? Lancôme? Meu *partner* e eu estamos muito a fim de dar uma retrabalhada no nosso visual — ele deu uma viradinha para fitar o amigo. — Não é, querido?

O “amigo” piscou para ele, concordando. Chris, Alê e Isa sentiram o estômago cheio de champanhe se contorcer de decepção.

Aaaiii...



Durante a festa de *Réveillon*, celebrada no apartamento da insuportável tia Adélia — que tinha tantos mil anos de vida quanto plásticas no rosto —, Isa tomara uma única resolução de ano-novo: não iria mais para a escola no carro com motorista. Era uma mordomia que, sinceramente, dispensava.

A sede da Escola Internacional ficava a apenas um quarteirão de um ponto de ônibus. Tudo o que ela mais queria na vida era ter um pouco de liberdade, sem o paumandado dos pais vigiando seus passos. Já estava na hora de mostrar que podia andar com as próprias pernas — literalmente. E faria isso de uma maneira gradual ao longo dos próximos meses. Os pais não poderiam colocá-la à força num carro para sempre. E qualquer tentativa de impedi-la seria inútil, porque não adiantaria. Quando Isa tomava uma decisão, era para valer.

Quer dizer: quase sempre era para valer. Ou, melhor dizendo: às vezes. Só quando as circunstâncias permitiam.

Naquela manhã de segunda-feira, por exemplo, sentada no banco de trás, enquanto o motorista conduzia o

veículo refrigerado silenciosamente, Isa dizia para si mesma que, tudo bem, não tinha ainda posto seu plano em prática, mas que era tudo uma questão de muito pouco tempo. Ela só precisava estudar o terreno, “sentir o clima”, relembrar o trajeto diário de casa para a escola e vice-versa.

Começaria a fazer isso ainda hoje. Antes de tudo, porém, teria de arrumar uma maneira de os pais não saberem. Mas como, se eram eles que pagavam o motorista?

Estava com 17 anos. A menos de um ano de completar 18 e virar adulta. Ou seja: mais do que na hora de cuidar do próprio nariz. Sua mãe diria — como já dissera um milhão de vezes — que o motorista era para protegê-la. Mas Isa sabia que o que a mãe queria mesmo era vigiar todos os seus passos, como se ela ainda tivesse oito aninhos.

Ela pediu ao motorista para não descer em frente à escola. Alegou que os carros, ali, paravam em fila dupla, às vezes tripla, bagunçando todo o trânsito. Mas o homem respondeu que não, alegando:

— Desculpe, menina. Mas ordens são ordens — e parou o carro em frente à escola.

Isa saltou, misturando-se logo aos montes de alunos que lotavam a calçada naquele primeiro dia. Alguns conversavam despreocupadamente, ignorando que o sinal para a entrada iria tocar em instantes. Ela usava jeans e uma camiseta rosa clarinho e carregava a mochila pendurada num dos ombros e o fichário num dos braços. Não queria falar com ninguém agora, pois sabia que, se parasse, não

conseguiria se desvencilhar tão cedo — e ela queria pegar um bom lugar na sala de aula. De preferência longe do “clube das moceiras”.

Ela cruzou o portão e, quando atravessava o extenso corredor ajardinado que o pessoal chamava de “passarela”, ouviu um assobio, seguido da inconfundível voz sebosa.

— Tô chegando, hein? Tô chegando!

Bu Campello era simplesmente a criatura mais intragável da face da Terra. Nascida para azucrinar os outros. Ela acelerou o passo para ficar bem ao lado de Isa e começou o interrogatório:

— O chofer te deixou aí na porta direitinho?

Isa fingiu que não ouviu.

— Não dá bom dia não, garota?

— Bom dia.

— Estou vendo que a menininha veio de rosinha hoje? — Bu falava com deboche. — Não trouxe uma fada de pelúcia para te fazer companhia na aula?

Isa olhou atravessado para Bu. Ela usava um *top* vermelho-cereja que mal cobria os enormes peitos siliconados e o cabelo castanho, com tantas luzes e reflexos, lembrava uma cauda de guaxinim.

— Para quê, se eu e a turma toda já temos a companhia de uma bruxa de carne e osso?

Bu soltou uma risada escandalosa. O golpe não surtira efeito.

— Onde é que a santinha de rosinha passou as férias? Rezando numa igreja?

— Não. Fazendo uma macumba para você sumir
— Isa sorriu, numa careta. — Não por minha causa, mas porque o nível da escola fica muito baixo com você estudando aqui.

Bu ficou séria.

— Nível? Como assim, nível?

Isa havia tocado no ponto fraco de Bu — a falta de berço. Bu era filha de um homem humilde, que enriqueceu fabricando vassouras. Hoje a indústria da família estava entre as maiores do país. Por causa disso, a mãe de Bu, Matilde Campello, perua da alta-sociedade, era conhecida como a “rainha da piaçava”. Bu, portanto, tinha virado a “princesa da piaçava”, apelido que ela detestava.

— Você não sabe o que é nível? Logo você que baixa todos eles...?

Bu deu um passo à frente, desafiadora:

— Olha aqui, sua baranga. Você pensa que está falando com quem? Eu pego você no fim da aula e te faço picadinho, tá entendendo?

Aquela, sim, era a Bu Campello, a verdadeira.

Isa se assustou, mas não deixou transparecer. O pior a fazer era demonstrar fraqueza.

— Tô com um meeeeeedo... — ela disse, com deboche.

— Ah, é? Duvida?

A tensão tinha atingido um nível crítico, mas durou pouco. Logo Chris apareceu, dando um abraço forte em Isa.

— Aaaaai, que bom que estamos de volta. Estava te procurando lá fora — a garota parou e mediu Bu Campello dos pés a cabeça. — Ué, você deu para conversar com esse tipo de gente agora?

— E isso lá é gente? — Isa acrescentou.

As duas riram, deixando Bu roxa de ódio.

— Vocês vão se arrepender de ter nascido! — ela rosnou. — Vou aprontar tanto com vocês, mas tanto, que vocês vão me pedir piedade de joelhos.

Ela afastou-se pisando pesado.

— Toma cuidado para não errar o número da sala, viu, ô Bruna Matilde? — Chris gritou o nome completo de Bu, com as mãos em concha em volta da boca. — Aliás, você sabe ler números?

Em seguida, virou, séria, para Isa:

— E você, toma cuidado com essa aí. O que é que te deu para ficar batendo papo com Sua Insolência?

— Ela é que veio bater papo comigo.

— E te provocar, é claro.

— O que você acha?

Chris soltou um suspiro desanimado.

— Já vi que vamos ter um ano difícil...

Nisso, viram um rapaz passar por elas, com a cabeça baixa. Era branco, fortinho, tinha o cabelo curtinho, encaracolado, e olhos grandes, escuros. Parecia tenso e pensativo.

Isa não conseguiu tirar os olhos dele até perdê-lo de vista, sentindo o coração bater um pouquinho mais

rápido do que o normal. Por uma fração de segundo, se viu envolvendo-o em seus braços, enquanto ele lhe beijava o pescoço. O garoto, definitivamente, era o seu tipo. Até no jeito caladão, meio na dele. Foi encantamento à primeira vista. Como era possível que nunca tivesse reparado nele antes?

— Você sabe quem é ele? — ela perguntou, esticando o pescoço e inclinando a cabeça em direção ao rapaz que se distanciava.

Chris sacudiu os ombros. Para ser franca, nem o notara direito.